



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

HELISON FELIPE DA SILVA FORTUNATO

**ANÁLISE HISTÓRICA DA MOEDA:
ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVII NO BRASIL**

**GUARABIRA
2020**

HELISON FELIPE DA SILVA FORTUNATO

**ANÁLISE HISTÓRICA DA MOEDA:
ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVII NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr^o. CRISTIANO LUÍS CHRISTILLINO

**GUARABIRA
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F745a Fortunato, Helison Felipe da Silva.
Análise histórica da moeda [manuscrito] : entre os séculos XVI e XVII no Brasil / Helison Felipe da Silva Fortunato. - 2020.
27 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Cristiano Luís Christillino ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. Moedas. 2. Brasil colonial. 3. Numismática. 4. Casa da Moeda. I. Título
21. ed. CDD 981

HELISON FELIPE DA SILVA FORTUNATO

ANÁLISE HISTÓRICA DA MOEDA:
ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVII NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em História.

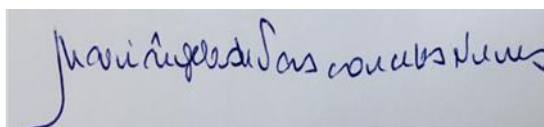
Área de concentração: História, Trabalho e Economia.

Aprovada em: 27 / 11 / 2020 .

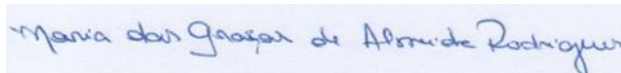
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Cristiano Luís Christillino (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dr^a. Mariângela Vasconcelos Nunes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Mestranda. Maria das Graças de Almeida Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha família, pela dedicação,
companheirismo e amor, DEDICO.

“Toda moeda é, portanto, um documento histórico, como uma inscrição numa pedra ou num pergaminho, e é preciso saber decifrar para descobrir tudo o que ela pode revelar, sobre a realidade do mundo em que foi produzido.” (COSTILHES, A. J. 1985, p.8)

SUMÁRIO

SUMÁRIO	7
INTRODUÇÃO	8
1 SEM PADRÃO MONETÉRIO	10
1.1 Moedas da Provisão 29/03/1568	11
2 TEMPO DOS FLAMENGOS	14
2.1 Obsidionais de prata	17
2.2 Patacas Alteradas:	18
3 REFORMA MONETÁRIA.....	19
3.1 Casas de Fundição e Moedas no Brasil.....	20
3.2 RÉIS DE PRATA:	23
3.3 RÉIS DE OURO:	24
5.1 Cunhos das Casas da Moeda:	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
7 REFERÊNCIAS.....	29

ANÁLISE HISTÓRICA DA MOEDA: ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVII NO BRASIL

Helison Fortunato¹

RESUMO

Neste artigo propomos apresentar a moeda no Brasil colonial como material de pesquisa, que chegou ao Brasil de forma oficial em 1568 por meio de uma provisão emitida por Sebastião I, rei de Portugal, na qual ele integrou as moedas da coroa portuguesa à colônia. É partindo desse princípio, que iremos levantar discussões do meio circulante dessas moedas, a intenção de se mostrar presente no território colonial e a influência da União Ibérica. Entre a chegada da moeda e a primeira peça feita no Brasil ocorreu um intercâmbio muito grande devido ao ciclo comercial, além das invasões holandesas no Nordeste e francesas na região norte. Dentre o que, destacamos os seguintes pontos: cunhagem em território colonial, sistema monetário e a Casa da Moeda, que em 1694 foi muito obstaculizada em seu início chegando a passar pela Bahia, Rio de Janeiro (1699), Pernambuco (1700) e, por fim, voltando ao Rio (1702). Para dar subsídio teórico a esse trabalho, recorreremos a Álvaro Coimbra (1959), Jorge Caldeira (2017), Niall Ferguson (2017), Stuart Schwartz (2014), Heloisa Starling & Lilia Schwarz (2015) e Jean Costilhes (1985). Apesar do pouco material acadêmico de história voltado para numismática, buscamos unir a historiografia do Brasil colonial com a área das moedas e medalhões.

Palavras-Chave: Moedas. Brasil colonial. Numismática. Casa da Moeda.

ABSTRACT

In this article we propose to present the currency in colonial Brazil as a search material which arrived in Brazil officially in 1568 by means of an amendment issued by Sebastião I, king of Portugal, in which he integrated the currencies of the Portuguese crown to the colony. Based on this principle, we will bring up discussions about the environment where these currencies circulated, the intention to be present in the colonial territory and the Iberian Union's influence. Between the currency's arrive and the first piece made in Brazil occurred a very large exchange because of the business cycle, beside the Dutch's invasions in the Northeast and French's in the North. From what, we highlight the following points: Minting in colonial territory, monetary system and the National Mint, which in 1694 was impaired in its beginning passing by the Bahia, Rio de Janeiro (1699), Pernambuco (1700) and, finally, returning to Rio (1702). To give theoretical basis, we resort to Álvaro Coimbra (1959), Jorge Caldeira (2017), Niall Ferguson (2017), Stuart Schwartz (2014), Heloísa Starling & Lilia Schwarz (2015) and Jean Costilhes (1985). Despite the few history academic material about the numismatic, we seek unite the Colonial Brazil historiography with the currencies and medallions area.

Key-words: Currencies. Colonial Brazil. Numismatic. National Mint.

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – helison.fortt@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta produção se propõe a fazer uma análise da moeda brasileira no período colonial brasileiro, onde buscará compreender a sua importância para um governo que começará a erguer-se, e necessitava estabelecer de modo que apagasse o regime anterior, tal qual como Maquiavel afirma em *O Príncipe* (1532) que é necessário extinguir o sangue do antigo príncipe, ou seja, uma mudança onde se perceba o pulso do novo regime, além de mostrar uma soberania para seu povo e outras nações. É nesse sentido que a moeda exerce uma função vital para sociedade moderna, sendo discutida por autores clássicos como Weber (1968), onde se explana o funcionamento do dinheiro e os sistemas econômicos.

Quando se fala em moedas, deve-se mencionar a numismática, recorrendo ao dicionário pode-se constatar que é o estudo das moedas e medalhões. Tornando público diversas nuances que a moeda proporciona como: origens de um país, seu passado e presente, e notadamente grandes personagens políticos e culturais de uma nação, características que constitui uma nação independente, formando assim sua identidade.² É nesse ponto que recordo o monumento histórico, que é agente fundamental para a criação do documento, pois é no monumento onde se discute a marca do ser humano através do tempo, como é afirmado por Legof:

“O monumento tem como características ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.” (LE GOFF, Jacques et al. História e memória. 2003.)

Como bem sabemos a moeda vai muito além da importância monetária, dessa forma, a ideia de monumento dialoga com a fala precisa do numismata COSTILHES:

“Toda moeda é, portanto, um documento histórico, como uma inscrição numa pedra ou num pergaminho, e é preciso saber decifrar para descobrir tudo o que ela pode revelar, sobre a realidade do mundo em que foi produzido.” (COSTILHES, A. J. 1985, p.8)

Dessa forma a moeda vai além da questão monetária, a sua análise permite discutir o processo de colonização do Brasil a partir de temáticas diversas, como o poder luso em seus territórios, identificar e analisar a ocupação neerlandesa no Nordeste, a colonização dos franceses no Maranhão e compreender rotas de comércio ao filtrar as peças que circulavam nas praças comerciais da época. É possível também observar a moeda como instrumento de poder, quando a independência foi declarada, houve uma mudança crucial, apesar de continuar o mesmo padrão monetário nas chamadas “peças da coroação” em detrimento ao Real (padrão monetário usado até então), buscarei no decorrer desse artigo, mostrar que a moeda deixou de ter apenas uma visão monetária na história, participando apenas das transações comerciais, e passou a ter uma posição histórica ao ser inserida em momentos importantes do Brasil colonial.

² LOPES, Henrique Corrêa. BRASIL, A HISTÓRIA ATRÁVES DA NUMISMÁTICA.

1 SEM PADRÃO MONETÁRIO

Sendo assim, a moeda está estritamente relacionada com a evolução histórica da humanidade, perpassando por diversos sistemas e moedas diferentes das que possuímos no século XXI. “solitária, pobre, detestável brutal e curta” são as alegações do filósofo Thomas Hobbes(1651), sobre o estado de natureza, que era o estado do período paleolítico, já que não havia noção de civilização, características de leis, noção de territórios, moedas e muito menos o conceito da troca, tendo em vista que o estilo de vida era nômade, a coleta e caça era o habitual para dada conjuntura. Não podemos negar os recorrentes enfrentamentos entre tribos primitivas assim como o historiador Niall Ferguson comenta: “Ao que parece, quando dois grupos desses povos primitivos se encontram por acaso, muito provavelmente eles brigam por causa dos recursos escassos (comida e mulheres férteis), em vez de iniciar uma troca comercial.” (Ferguson, 2009, p.19)

Porém com a sedentarização dos povos e a divisão do trabalho em meio a sociedade, o sistema se viu obrigado a criar moedas-mercadorias que eram mecanismos de troca direta, seja de produtos agrícolas, em seu princípio ou gado. Após perceber que tais produtos eram perecíveis e esvaíam facilmente, como um pseud. Sistema monetário, com o processo de divisão social do trabalho no decorrer da história, tornou-se obsoleto, tendo em vista o surgimento de necessidades para além da troca. Para elucidar melhor a situação, um exemplo que expressa de forma prática é: um padeiro que precisa de trigo moído, mas o moleiro necessita de açúcar, a moeda dará uma nova dinâmica para essa situação, ao atribuir o valor monetário. Para além desse critério a locomoção com peças, animais, entre outros era um tanto quanto incômodo, dessa forma a moeda vem dar praticidade para o mercado de compra e venda, além desse aspecto com a criação da moeda, cria-se a sensação do acúmulo de bens. A partir disso, cria-se a sensação de poder e a noção de propriedade privada como Weber (1968) ressalta que o dinheiro tem o papel criador da propriedade individual.

Como bem sabemos, todas as civilizações na América, antes de serem colonizadas, eram munidas de suas próprias crenças e costumes, isso não difere do Brasil, visto que possuía uma economia de subsistência. Isso refletiu totalmente na dinâmica desenvolvida no mercado interno na Colônia Portuguesa, até que os olhos atentos de uma teoria empírica da economia, onde possuíam fundamentos contrários sobre uma economia de subsistência, atribuisse um ar de pobreza à economia local, tendo em vista que se baseava apenas no que era necessário, ou seja, o consumo cotidiano sem a produção de uma reserva para uma possível troca. Porém essa ideia torna-se obsoleta no momento em que a economia colonial se torna mais forte e mais fluída que a da própria metrópole, tal mudança se dá séculos mais tarde, mas ainda sim respaldada na mesma técnica de troca.³

³ Caldeira, J. (2017). *História da riqueza no Brasil: Cinco séculos de pessoas, costumes e governos*. Sextante.

A produção dos nativos era grande o suficiente para a criação de excedentes, surgindo assim, a possibilidade do acúmulo de riquezas, que em outrora estudiosos julgavam impossível para uma economia sem moeda.⁴

Os povos pré-colombianos aqui na América do Sul, já esboçavam um círculo comercial com base na troca de produtos que cada grupo dominava a produção. Vale ressaltar que sociedades mais estruturadas como os Incas tinham os metais preciosos com muita importância, porém esteticamente, não vislumbravam valor, muito pelo contrário, o valor era incorporado na mão de obra. No entanto, com a chegada de Cristóvão Colombo, em 1532 os Incas não compreenderam tamanho interesse (o que dizimou todo o Império Inca em 1572) dos europeus no ouro e na prata, pois não tinham a noção de que poderia ser transformado em dinheiro um agente de valor e poder portátil para determinadas sociedades.⁵

A cultura tupi-guarani mostrava-se bem estabelecida com toda a noção de produção baseada na preservação e manutenção, onde o excedente que era guardado ficava sob gestão de responsáveis instituídos pela comunidade. Esse estoque era preservado até o momento que não havia mais possibilidade de estocar, e a partir desse momento ocorria a divisão em meio a sociedade para que não houvesse quaisquer problemas com o que fora produzido no futuro. E toda essa dinâmica passava principalmente pelos moradores, bem como transparece o relato “os moradores das aldeias produziam não apenas o necessário para sobreviver, mas o suficiente para manterem estoques de segurança alimentar.” Caldeira (2017). Dessa forma que começa a surgir a ideia da criação de uma riqueza, evidentemente que não da forma que conhecemos hoje, mas sim o cúmulo de bens.

Até 1568 não se tinha noção exata de como era essa dinâmica em outros agrupamentos indígenas, nas terras da colônia brasileira. É importante dizer que apesar de haver esse comércio interno sem moedas, as moedas já existiam. Justamente nesse período que Sebastião I emite uma carta de provisão em 1568, com a intenção de integrar o Império Português, que já exercia domínio na costa africana, Índia, Macau e no Japão, propõe levar as moedas lusitanas para todas as colônias⁶. O intuito era diminuir a fabricação de moedas de cobre falsas e que todos os territórios que tivessem sob domínio português, possuíssem a mesma moeda, deixando o Império cada vez mais forte e a economia dos demais dependente da metrópole, já que o real (a unidade de valor das moedas) era cunhado em Portugal (Casa da Moeda, Lisboa), tendo como matéria prima o cobre.⁷

1.1 Moedas da Provisão 29/03/1568⁸

⁴ CALDEIRA, Jorge. **História da riqueza no Brasil: Cinco séculos de pessoas, costumes e governos**. Sextante, 2017.

⁵ SILVA, Daniel Neves. "Conquista do Império Inca"

⁶ Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro), & Vieira, R. M. L. (2000). *Moedas Portuguesas Da Época Dos Descobrimentos Na Coleção Do Museu Histórico Nacional, 1383-1583*. Museu Histórico Nacional.

⁷ CANAL NERDOLOGIA. História das Moedas do Brasil (2019)

⁸ Catálogo das Moedas Brasileiras. Disponível

em:<<http://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/series.asp>> Acessado em:24.nov.2020

I real

Figura 1: REVERSO



Figura 2: ANVERSO



A reprodução apresenta as duas faces de uma moeda de cobre de um real, até então padrão monetário usado por Portugal e colônias, possuía em seu reverso a inicial de Sebastião e estrelas sob uma coroa já no anverso, o inscrito “Rei Sebastião I”.

III réis

Figura 4: REVERSO



Figura 3: ANVERSO



A imagem acima reproduzida é da moeda de três réis, carregando em seu anverso a coroa orlada pela inscrição “PORTVG ET ALGARB REX AFRIC”⁹, e em seu reverso o escudo de Portugal entre a letra L e o valor de 3.

⁹ D. Sebastião I, Rei de Portugal e do Algarve e África. Disponível em: <<http://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/legendas.asp>> Acessado em: 17/11/2020

V réis

Figura 6:



Figura 5:



A imagem aqui representada demonstra a moeda de cinco réis em algarismo romano orlado pela inscrição “SEXTVS * DECIMVS * REX” em seu anverso, já no reverso ostentava o escudo de Portugal com a inscrição “D. Sebastião I, por graça de Deus, décimo sexto Rei de Portugal e do Algarve” sendo em latim.

X réis

Figura 7:



Figura 8:



A reprodução imagética mostra a moeda de 10 réis, que está cunhada em algarismo romano entre estrelas, orlado pela inscrição SEXTVC * DECIMVS * REX no anverso e o escudo de Portugal sob coroa orlado por SEBASTIANVS I D G P ET ALGARBIORVM.

Contudo esse monopólio não durou muito tempo, em 1580 com a união das coroas entre Portugal e Espanha a conhecida União Ibérica, fez com que novas moedas circulassem na colônia, as moedas espanholas. E com o grande fluxo comercial pelo Rio da Plata, moedas de várias regiões adentravam no território brasileiro, o extenso território dificultava a circulação que se dava em

maior parte na região de fronteira, assim como descreve o autor desconhecido do *Diálogos das grandezas do Brasil*¹⁰:

"Do Rio da Prata costumam e navegam muitos peruleiros em caravelas de pouco porte, onde trazem soma grande de patacas de quatro e oito reales e assim prata lavrada e por lavrar em pinhas e em, postas, ouro em pó e em grão e outro lavrado em cadeias, os quais aportam com estas coisas no Rio de Janeiro, Bahia de Todos os Santos e Pernambuco, deixando tôda a prata que trouxeram na terra, donde tornam carregados das tais fazendas a fazer outra vez viagem para o Rio da Prata." (NOÇÕES DE NUMISMÁTICA BRASILEIRA, p. 232, 1959)

Visto que as relações comerciais feitas pelo Rio da Prata foram importantes para a entrada e circulação da moeda espanhola e do Peru pelo território colonial, moedas quem eram sua totalidade de prata.

2 TEMPO DOS FLAMENGOS

O interesse dos grupos holandeses pelo Brasil açucareiro tem sua origem após a formação da União Ibérica. Encontrando represálias de ambos os lados, a Espanha personificada em D. Felipe II, que perseguia as províncias holandesas, pois temia a independência fato que ocorreu em seguida, juntamente com os calvinistas, tributando pesadamente. O surgimento da República da Holanda e a união ibérica já estabelecida, o intercâmbio comercial antes estabelecido entre holandeses e portugueses se vê paralisado.

Assim, a Companhia das Índias que havia lucrado demasiadamente junto a Portugal com a comercialização do açúcar, o qual era levado para Europa através dos navios holandeses, se voltam ao Brasil, que tinha Portugal juntamente com a Espanha fruto da união das coroas, dominando o nordeste brasileiro. É quando os holandeses chegam ao Brasil mais especificamente na Bahia em 1624, muito disso tem responsabilidade da Companhia das Índias Orientais, que auxiliou financeira e militarmente a invasão.¹¹

A Companhia das Índias Orientais (*Vareenigde Geotoyeerde Oostindische*) fundada em 1602, fez sua riqueza de forma anônima e detinha um poder muito grande na Holanda chegando por vezes a interpor o papel do estado, tomando decisões que eram de responsabilidade além disso, possuíam regalias como ser isento de impostos e taxas. Após a primeira experiência bem sucedida, porque não dar continuidade e fundar a *Geotoyeerde West-Indische* ou seja, a Companhia das Índias Ocidentais, com a mesma estrutura de sociedade anônima além de ter a intenção de explorar o nordeste brasileiro. Tendo em vista à abundância de pau brasil, e outras especiarias de fundamental importância comercial como a facilidade para o cultivo da cana de açúcar.¹²

O Brasil vivia uma época de grande fartura na produção de açúcar, em 1625 se tinha 346 engenhos em plena atividade. Só nas capitanias de

¹⁰ A obra em questão é de origem Portuguesa datada de 1618. Que acompanha o relato da obra *Tratado descritivo do Brasil* de Gabriel Soares de Souza inscrito em 1587.

¹¹ Coimbra, Álvaro. (1959). *Noções de Numismática Brasileira* (I). Revista de História. p.35

¹² Disponível em: < <http://blogbentes.blogspot.com/2016/02/obsidionais-holandesas-as-primeiras.html>> Acesso em: 13.nov. 2020.

Pernambuco, Paraíba e Itamaracá contavam com 137 engenhos os três juntos chegavam a uma produção de quase 660 mil arrobas de açúcar. A economia do nordeste era estável e robusta, era uma indústria consolidada e avançada, tendo em vista que os holandeses investiram na atualização da produção dos engenhos, como a adoção do engenho vertical de três rolos, tal ação desequilibrou o estado natural que por hora estava estabelecido no Brasil, que tinha uma produção distribuída em outras capitanias onde os portugueses detinham o controle da produção.¹³

Em decorrência disso, os holandeses começaram a sofrer algumas represálias advinda dos portugueses, com ataques de fato, além do retorno da antiga rivalidade com os espanhóis, tornando o nordeste brasileiro um alvo bem quisto por parte da Companhia, tanto economicamente e militarmente. E o historiador Stuart Schwartz (2014), ressalta esse acontecimento:

“A revolta luso-brasileira contra seu domínio, tendo irrompido em 1645, comprometeu seriamente a produção agrícola no período de quase dez anos... Com o reinício das hostilidades entre espanhóis e holandeses em 1621... O Brasil tornou-se um interessante alvo militar e econômico.” (SCHWARTZ, Stuart P. 345, 2014)

Um fato interessante a ser exposto é quando surge o medo da nova incursão espanhola, os habitantes de Pernambuco enterraram em lugares seguros as moedas de alto valor que circulavam na época, o que agravou ainda mais a situação da circulação monetária que só contava com o dinheiro miúdo oriundo da Holanda. Na tentativa de reorganizar a economia, após essa leva de enterrar moedas, foi criado o sistema de “ordonantian” que foi gerado pelo governo em forma de decreto a aceitação dessa nova forma de pagamento que funcionava como ordem de pagamento de rendas, por ser limitado não durou muito, até pelo fato da demora em se ter assinatura dos responsáveis por esse papel moeda. Logo em seguida aparece o sistema de vales, que eram trocados por produtos primários como a farinha de mandioca e carne. De certo modo, ajudou o ritmo do comércio, porém desvalorizou as ordenanças, acrescenta-se o fato que a moeda metálica havia se tornado tão rara, que influencia os preços dos produtos primários e também os de primeira necessidade como tecidos e suas confecções.¹⁴

O governo ainda se encontrava em dificuldade para realizar o pagamento dos soldados e mercenários, como encontrado em relatos no texto de Coimbra (1959); “A falta de moedas obrigava por exemplo, o pagamento de quatro a cinco soldados com uma moeda de grande valor; a administração entretanto deixava que os militares resolvessem o problema de reparti-la.”¹⁵ A situação não mudara, e por sinal se agravara, pois em junho de 1645, se deu o início da Insurreição Pernambucana, a crise cresceu substancialmente, foram formados cercos que impediam a circulação da população, o que prejudicou o meio circulante da pouca moeda ainda existente e obrigou a diretoria a enviar moedas à colônia,

¹³ SCHWARTZ, Stuart. O Nordeste açucareiro no Brasil colonial. **O Brasil colonial**, v. 2, p.341 1580-1720, 2014.

¹⁴ Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro), Meio Circulante no Brasil Holandês, Volume I – 1940 (2)

¹⁵ Coimbra, Álvaro. (1959). Noções de Numismática Brasileira (I). Revista de História. p.36

assim Pernambuco recebeu 7.000 florins (unidade monetária utilizada bastante pelos países baixos).

Com a ocupação holandesa em Pernambuco no ano de 1630, a ação bem sucedida passa pela ajuda da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais (Geotroyerde West-indische Compangnie) que ajudaria os militares na estratégia e financiamento, em troca da exploração do açúcar (tendo em vista que Portugal cortara o comércio de especiarias como o próprio açúcar, tabaco e madeira, por causa da União Ibérica) e comércio privilegiado na América a facilidade com a exploração na África, pois a ocupação lusitana nas colônias africanas eram favoráveis aos holandeses. Após estabelecer o poderio holandês, o texto *Noções da Numismática brasileira* relata que as terras que outrora eram dos lusos, o conde Maurício de Nassau é enviado para o restabelecimento econômico, visto que as guerras com a união ibérica deixaram déficit na colônia e na metrópole.

De certo modo tudo caminhou para um futuro promissor, com as boas ações proporcionadas pelo conde, modificando aspectos estruturais do Recife, era um verdadeiro mecenas;

“Durante a administração do conde Maurício de Nassau, o progresso vigorou de forma impressionante. (...) A cidade do Recife passou por inúmeros melhoramentos urbanísticos, como a instalação de duas pontes de grandes dimensões - a primeira ligando Recife à ilha Antônio Vaz e a outra da ilha Antônio Vaz ao continente. Supostamente essas foram as primeiras pontes construídas no Brasil.”¹⁶

Em 1645, a Companhia criou a primeira moeda brasileira, para tentar conter a agitação dos comerciantes livres, que devido à escassez de moedas, taxa em 10% seus artigos de venda. É nesse momento que o Alto Conselho resolve liberar a cunhagem das moedas de XII, VI e III florins. A sua cunhagem e sua produção em Recife, atribui a essa moeda de necessidade/emergencial o caráter de ser a primeira moeda brasileira, apesar de ser uma produção holandesa e mais especificamente da Companhia das Índias. A diretoria não queria ceder o ouro extraído da África, mais especificamente na Guiné; o navio *Zeeland*, transportava 360 marcos de ouro (padrão de peso que media metais preciosos, e moedas. O marco tinha seu peso variável mediante a região, em Portugal era equivalente a 229,5 gramas) ou cerca de 309 quilogramas de pepitas de ouro. Bem como é encontrado em relatos; “*A decisão de se cunhar moedas só foi tomada pelo Alto e Secreto Conselho na sessão de 18 de agosto de 1645. O Conselheiro Supremo da G.C.W., Pieter Janssen Bas, foi o encarregado da produção das moedas brasileiras.*”¹⁷

No ano seguinte, a demanda ocasionada ainda pela insurreição pernambucana que corta a relação da metrópole com interior da capitania fez, com que abrissem outro caixote para cunhar novas moedas, agora 359 marcos, porém essa segunda leva de moedas não fora cunhada, pois havia a necessidade do cadinho (pote resistente ao fogo, que era usado para derreter o

¹⁶ Angelini, Cláudio Marcos, *Os holandeses no Brasil e sua cunhagem obsidional*. Disponível em: < <http://www.hottopos.com/videtur20/dante.htm> > Acesso em: 23.nov.2020

¹⁷ Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro), *Meio Circulante no Brasil Holandês*, Volume I – p. 24. 1940 (2)

ouro), o Conselho de finanças vende esse ouro aos comerciantes livres gerando 100.000 florins para Companhia.¹⁸

As moedas cunhadas tinham valores entre 3,6 e 12 florins, carregavam em seu anverso um colar de pérolas circular, com as iniciais da Companhia G.W.C, dentro do círculo sendo no meio e W entrelaçado nas outras duas, G e C menores que significava *Geoctroyerde Westindische Compagnie* instituição que capitalizava a ocupação do nordeste entre 1645 a 1654 e para além disso, era a representação total da soberania do estado, apesar de ser um agrupamento de investidores, a Companhia prestava conta ao estado Holandês ou seja, a primeira moeda brasileira era para mostrar o domínio do território, além da tentativa de sanar os problemas econômicos. Já em seu reverso ostentava o colar de pérolas em seu no centro o ANO/BRASIL em duas linhas paralelas, na parte de baixo os anos de 1645 ou 1646.

Figura 10:



Figura 9:



2.1 Obsidionais de prata

Ainda sob o comando dos holandeses, o nordeste brasileiro enfrentava a mesma crise econômica, deixando nada favorável a situação dos cofres completamente vazios, fazendo com o tesoureiro pedisse ao Supremo Conselho a cunhagem de moedas de pratas, como relata o documento escrito por Jacob Alrischs tesoureiro geral;

“reunido o Supremo Conselho, o tesoureiro geral, Jacob Alrischs, declarou estarem os cofres completamente vazios e que mesmo as menores contas não poderiam ser pagas, pelo que foi pôsto em deliberação se não seria de conveniência fazer cunhar moedas de prata para serem emitidas em semelhante extremidade.”¹⁹

¹⁸ Anais do Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro), Meio Circulante no Brasil Holandês, Volume I – p. 26, 1940 (2).

¹⁹ Obsidionais holandesas, as primeiras moedas com o nome Brasil. Artigo eletrônico. Disponível em: <<http://blogbentes.blogspot.com/2016/02/obsidionais-holandesas-as-primeiras.html>> Acessado em: 23.nov.2020.

Nesse mesmo documento é possível constatar que nem matéria prima se tinha para a cunhagem das moedas, sendo cedido peças de pratas do general Schoonenborch e seu conselheiro Haex.²⁰

As moedas seguiam os mesmos padrões da primeiras cunhadas em 1646, formato quadrangular e iniciais entrelaçadas como podemos ver adiante no seu anverso um círculo de pérolas com um grande W entrelaçado com um G e um C. Sobre o monograma, que representa as iniciais da GEOCTROYEERDE WEST-INDISCHE COMPAGNIE (Companhia Holandesa das Índias Ocidentais), o respectivo valor em algarismo romano. Já no seu reverso era lisa, constituindo se assim uma moeda unifacial.

Figura 12:



Figura 11:



Após anos de dinastia Filipina, que durou entre 1580 a 1640 quando Portugal retoma sua independência e começa um novo trabalho monetário. Com a impossibilidade de refundir ou fazer uma nova cunhagem, os alvarás de 1 e 3 de fevereiro davam conta do aumento de 20 por cento assim, ficando o lucro para a coroa, que necessitava se reestabelecer depois das guerras. Dessa forma, moedas de 120, 60, 50, e de 100 réis, passaram a valer 6, 3, 1 ou ½ tostões, um decréscimo enorme, gerando diversas revoltas por parte dos habitantes da metrópole. Com o mesmo teor de contramarcas, em 26 de fevereiro do mesmo ano, no Rio de Janeiro foi determinado o carimbo nas moedas introduzidas pelos espanhóis, as patacas de 2, 4 e 8 reales todas elas agora ficam com a coroa, uma demonstração de quem está sob domínio e uma forma de segurar as peças no território tentando assim conter a evasão.

2.2 Patacas Alteradas²¹:

²⁰ Anais do Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro), Meio Circulante no Brasil Holandês, Volume I – p. 28, 1940 (2).

²¹ Catálogo das Moedas Brasileiras. Disponível

em:<<http://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/series.asp>> Acessado em:24.nov.2020

2 reales:

Figura 13:



Figura 14:



4 reales:

Figura 16:



Figura 15:



8 reales:

Figura 17:



Figura 18:



3 REFORMA MONETÁRIA

A reforma monetária feita por D. Pedro II em 1688, teve como objetivo reparar os danos do afugentamento das moedas de prata, da adulteração das moedas. O fato é que o acúmulo de prata em pó devido a raspagem das moedas era grande, muitas das moedas não tinham um formato padrão como já fora

supracitado, facilitando a adulteração quando essa moeda era repassada havia um risco de prejuízo, pois a moeda poderia ser recusada por ser modificada. A crise com o sistema monetário era equivalente em todas as capitanias. A dificuldade com o dinheiro miúdo que usualmente era para passar troco chegou a uma proporção onde a maneira de se resolver foi a introdução de artigos alternativos; como açúcar (por causa do seu valor comercial e da alta procura na Europa). Segundo Frédéric Mauro as consequências do cerceamento foram logo sentidas pela população:

...ficaram (na colônia) apenas as más moedas, fortemente valorizadas. Nos negócios a repercussão é imediata. Há falta de dinheiro, não se podem comprar nem escravos, nem material. Os senhores de engenho endividam-se.²²

Os contra carimbos que tinha saído do controle, com isso em ;4 de agosto de 1688 todas as moeda de ouro o Real como as moedas de pratas, os réis, que eram as divisões do Real, usados por muito tempo essa expressão, moedas agora cunhadas passaram a ter um acréscimo de 20 por cento como mostra o quadro abaixo:

Quadro 01- Transformações na moeda em 1688.

4\$000	4\$800
2\$000	2\$400
1\$00	1\$200
500 réis	600 réis
250 réis	300 réis
400 réis	480 réis
200 réis	240 réis
100 réis	120 réis
80 réis	100 réis
50 réis	60 réis
40 réis	50 réis

Tabela 1 Adaptada de, Coimbra, Álvaro. (2015). *Noções de Numismática Brasileira (II)*. Revista de História. 18. P.453.

Conforme fora ressaltado essas moedas tinham origens diversas, como no Peru e na Espanha, onde havia a comercialização e era inevitável a saída das moedas do território colonial, é nesse sentido a importância do acréscimo de 20 por cento no valor da moeda por meio do carimbo que detinha a coroa, demarcando sua área de circulação.

3.1 Casas de Fundição e Moedas no Brasil

É mais que normal que as colônias fiquem dependentes em relação à metrópole nos mais diversos sentidos, seja na ordem de leis, de organização e econômica. No Brasil isso não foi diferente, as moedas que aqui circulavam eram oriundas de Portugal, em boa parte eram espanholas fruto da União Ibérica e

²² Frédéric Mauro. Portugal, o Brasil e o Atlântico. Volume II. Lisboa: Editorial Estampa. 1997. P.176.

algumas outras moedas que entravam mediante ao fluxo do mercado. Essa centralização era importante para Portugal, sempre tinha o controle da economia da colônia, entretanto a demanda se avolumou, surgindo a necessidade da criação das casas de fundição ou cunhagem, uma delas localizada no Rio de Janeiro. Elas também tinham a função de cunhar moedas para a colônia e por vezes encaminhar para a metrópole.

É importante ressaltar que as moedas tinham pequenos erros, como pesos diferentes, não possuírem um formato padrão, pois as casas não possuíam matriz, que deixaria o processo padronizado, usando assim as mãos, como relata o texto *Noções da numismática brasileira*:

“Sendo os cunhos dessas moedas coloniais abertos à mão —e não modelados por uma matriz, onde cada um dêles saísse uniforme, só se diferenciando pela data, daí resulta tantas variantes quantos foram os cunhos que substituíam os que se inutilizavam.” (Livro 5, Tit. 113) .

D. Pedro II fora de suma importância para a história monetária de Portugal e de seus domínios ao emitir a lei que atendia as recorrentes representações dos Governos Gerais das Capitâneas, das Câmaras e nobreza sobre a dificuldade e escassez da circulação das moedas. Nesse sentimento que em 8 de março de 1694 o monarca institui a primeira Casa da Moeda na Bahia. Sendo assim, o Brasil enquanto colônia ganha o direito de ter sua própria moeda para circulação colonial e diferente das moedas metropolitanas, ficando proibida a exportação da moeda.²³ Após o decreto do dia 08 de março do ano corrente, o rei emitiu uma outra Carta Regia de 22 de março, onde nomeava os funcionários para Casa da Moeda, determinando o superintendente; *João da Rocha Pita*; o Juiz da Moeda; *José Ribeiro Rangel*; e o Ensaaiador²⁴; *Manuel de Souza*.

Finalizado o processo de nomeação, era necessário pensar nos valores e cunhos das moedas, como havia determinações em livros “ para ser moeda, uma coisa tinha de possuir determinadas qualidades que o ouro e a prata tinham, como divisibilidade, facilidade de transporte —peso e volume em relação ao valor nominal.”²⁵ De modo que foram produzidos três ensaios para as novas moedas, sendo um deles perdido e não temos ideia de como era, entretanto os dois restantes fora descrito por Rocha Pitta:

Têm estas moedas de uma parte a esfera (empresa do Rei D. Manuel) no meio da cruz da ordem de Cristo, de que foi grão-mestre, e entre os claros dos braços da cruz estas palavras SUB. Q. SIGN. NATA STAB. Deoutra parte o escudo das armas reais, portuguesas; ao lado direito do cunho (valor facial), no esquerdo umas flores, no alto entre coroa e o escudo a era em que foram lavradas, e pela roda da sua circunferência as seguintes letra: PETRUS II D. G. PORT. REX. ET. BRAS. D. (GALANTE, Luís Augusto Vicente. P. 172. 2009.)

Bem como o segundo modelo:

²³ Coimbra, Álvaro. (2015). *Noções de Numismática Brasileira (II)*. Revista de História. 18. 445.

²⁴ Responsável por testar e garantir a pureza do metal das moedas.

²⁵ Revista de Economia Contemporânea

Tem de uma parte as armas reais: no lado direito o cunho, no segundo as flores, e um torno de circunferência as seguintes letras: PETRUS II D. G. PORT. REX da outra parte uma cruz sem lisonjas, rodeadas de um círculo em forma de cruz rematada com elas e pelas circunferência as letras: ET BRASILIAE DOMINUS, e os anos em que foram feitas.

O termo moeda provincial está previsto em lei, tais peças foram as cunhadas nesse período de 1695 a 1702 na casa da Bahia. Para além da cunhagem era necessário estabelecer o preço do ouro e da prata, dessa forma foi estabelecido em lei:

...ficando cada marco de prata de oito onças de Ley de onde dinheiros a sete mil quarenta reais cada onça o oito sentos e 80 rs quarenta cada oitava a sento e dês réis, e cada marco de ouro de oito onças de Lley de vinte e dous quilates a sento e cinco mil seis centos réis cada onça a treze mil e duzentos; e cada oitava a mil e seis sentos e sincoenta: a cujo respeito se regulará a moeda...²⁶

Podemos fazer a ilustração da situação citada a partir da apresentação desses quadros:

Para o ouro de 22 quilates ~ 916,66%

Marco de oito onças	228,8g	105\$600
Onça	28,691g	13\$200
Oitava	3,586g	1\$650

Fonte: Kurt Gieck. *Manual de Fórmulas Técnicas*. São Paulo: Editora Hemus, 1995

Para a prata de 11 dinheiros (11 partes de prata para uma de cobre)

Marco de oito onças	228,8g	7\$040
Onça	28,691g	\$880
Oitava	3,568g	\$110

Fontes: *Enciclopédia Delta Larrouse*. Volume 5. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1970. P.2202. Roberto Simonsen. *História Enoconima do Brasil*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1977. P. 463

Antes da cunhagem da primeira moeda nos valores estabelecidos anteriormente, Dom João de Lencastro (governador-Geral do Estado do Brasil) fez alteração no ouro amoadado, passando a oitava de ouro para 1\$760 já o marco de prata 7\$600 e a oitava \$118,75. Como inicialmente as moedas tinham como matéria primas as peças estrangeiras que circulavam na colônia, com essa alteração no valor, o cidadão que levasse as moedas não obteria um valor maior, pois esse lucro proveniente do aumento ficava para a Casa da Moeda cobrir os custos da cunhagem como é afirmado por Álvaro Coimbra:

Estas diferenças que ficavam na oficina, informa Azeredo Coutinho, eram destinadas ao pagamento dos empregados, à compra dos gêneros e reagentes necessários à fábrica e finalmente, à amortização das máquinas.²⁷

²⁶ Cléber Batista Gonçalves. Op. Cit. P. 57.

²⁷ Coimbra, Álvaro. (1959). Noções de Numismática Brasileira (II). Revista de História. 19. P. 468

Pouco tempo depois do início dos trabalhos a Casa da Moeda ficou em parte paralisada, por problemas técnicos e burocráticos. Responsável pelo cunho das moedas de 4.000, 2.000 e 1.000 réis todas essas de ouro. Além das moedas de prata, cunhadas nos valores de; 640, 320, 160, 80, 40 e 20 réis.

3.2 RÉIS DE PRATA²⁸:

20 réis

Figura 20



Figura 19



40 réis

Figura 22



Figura 21



80 réis

Figura 23



Figura 24



²⁸ Catálogo das Moedas Brasileiras. Disponível em: <<http://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/series.asp>> Acessado em: 24.nov.2020

3.3 RÉIS DE OURO:

4\$000 réis

Figura 26



Figura 25



*Moedas de 1\$000 e 2\$000 réis não foram encontradas.

A casa da moeda na Bahia padecia de problemas, agora de ordem de produção e distribuição, pois havia uma ordem do Governo Geral, onde era previsto a ida das moedas para o Rio de Janeiro com o intuito de não faltar moeda, como destaca o trecho a seguir:

"Na Casa da Moeda desta cidade se há de recolher todo o dinheiro do Estado e para se dar expediente ao desta Capitania se lavram cada semana nela 40.000 cruzados e particularmente mandarei se bata muito miúda para quando vier a dêsse Rio, se acudir com abundância dela a necessidade que Vossa Mercê me representa ficar padecendo êsse povo com a proibição da ordem de Sua Majestade, que Vossa Mercê executou"²⁹

As moedas deveriam ser recolhidas e refeitas usando o novo padrão que era o modelo provincial, como foi estabelecido, e de fato ocorreu dessa forma com bom andamento nos primeiros anos, entretanto em 1697, tivemos uma grande primeira baixa na produção, uma queda de 28% em detrimento do ano de 1695, e no ano seguinte uma queda ainda maior e mais assustadora chegando a 9% em 1698³⁰. Não o valor preciso referente a quantidade de moedas cunhadas, mas temos os números de cunhos feitos em cada ano, como o quadro a seguir mostra:

Ano	Cunho
1695	86
1696	48
1697	24
1698	8

31

²⁹ Coimbra, Álvaro. (1959). Noções de Numismática Brasileira (III). Revista de História. 19. 215. 10.11606/issn.2316-9141.rh.1959.119727.

³⁰ Galante, Luís Augusto Vicente. "Uma história da circulação monetária no Brasil do século XVII." (2009).

³¹ Idem.

Esse fato atrelado ao não cumprimento da distribuição das moedas no Rio irritou o governo geral. Em meio a todo esse entrave de não vir remessas e a queda da produção, a câmara fluminense propõe a vinda de oficinas e engenhos para lavar moedas no Rio, de forma que cessasse as produções na Bahia, é este relato que encontro nesta carta de Artur de Sá Menezes (Governador do Rio de Janeiro), endereçada a D. João de Lencastro o Governador Geral:

"Senhor D. João de Lencastro. Sinto quanto é possível, que êstes povos não dessem logo a devida execução às ordens de Vossa Senhoria com obediência cega, sem consideração nenhuma as suas utilidades, porque só essa é a forma com que se deve obedecer, mas desculpe-os Vossa Senhoria, porque como esta matéria é sôbre moeda, fazia-lhes repugnância as distâncias e o risco que havia de correr o seu dinheiro e sôbre êste particular me mandou Sua Majestade que Deus guarde, que chamas-se a Câmara e lhe declarasse que ou haviam de remeter o dinheiro à Bahia onde se reduziria prontamente, ou que finda a fábrica da Casa da Moeda se mandariam oficiais dela com engenhos para que nesta cidade reduzam a moeda na mesma forma que se fêz na Bahia, com declaração que por parte da fazenda Real se não levará senhoriagem, nem terá utilidade alguma, correndo por conta dos moradores desta Capitania a despêsa que haviam de fazer, com que ajustaram todos uniformemente sem repararem em despêsa nenhuma, que queriam que viessem os oficiais da moeda para esta Capitania, aonde preparariam as oficinas necessárias de que fizeram têrmo, cujo treslado remeto a Vossa Senhoria com esta; e como Sua Majestade me manda que da resolução que tomaram os oficiais da Câmara dê conta a Vossa Senhoria para mandar a Casa da Moeda a esta cidade, o faço da mesma forma para que com aviso de Vossa Senhoria possa saber o que hei de obrar sôbre êste particular e em todos de Vossa Senhoria, não poder faltar a minha obediência. Deus guarde a Vossa Senhoria por muitos anos. Rio 10 de março de 1697. Servidor e fiel Amigo de Vossa Senhoria. Artur de Sá e Menezes"

³²

É dessa forma que em 12 de janeiro de 1698 a casa monetária é aberta no Rio, mas o seu funcionamento só deu início em 12 de março de 1699. Um fato interessante é que em menos de um ano após o início dos trabalhos, em 20 de janeiro de 1700 a casa monetária teve que ser transferida para Pernambuco na qual se encontrava em situação igual ou pior a do Rio no referente as moedas. O funcionamento da casa monetária na capitania do norte foi por um curto espaço de tempo, iniciou-se em 31 de outubro de 1700 até 1702, que por falta de metal amoeável se depara com a necessidade de mudar para uma localidade onde houvesse abundancia de metal possibilitasse o cunho.³³

A Carta Régia de 31 de janeiro de 1702, vem para concretizar a transferência da casa monetária de Pernambuco para São Sebastião no Rio de Janeiro, além de ressaltar o fim do cunho da moeda provincial e passar a produzir a moeda de ouro do Reino. Sentia-se a necessidade de uma casa que efetuasse a troca de ouro em pó, na barra de ouro, visto que as minas paulistas e mineiras estavam em grande produção. A nova instalação da casa da moeda com localização favorecendo consideravelmente a produção, já que por hora não

³² Documentos Históricos, vol XI da série C da Biblioteca Nacional, pp. 247 e 248.

³³ Coimbra, Álvaro. (1959). Noções de Numismática Brasileira (III). Revista de História. 19. 215. 10.11606/issn.2316-9141.rh.1959.119727.

teria a falta de matéria prima para o cunho das moedas. Se fala muito da falta, ou dificuldade da circulação da moeda, mas para se ter entendimento dos anos em que a casa da moeda foi dividida entre Salvador e Rio de Janeiro, o historiador Luís Augusto, faz um cálculo com visando as moedas pelo seu valor facial e tomando como base que em salvador foram cunhados 102:070\$00 em moedas de ouro, e moedas de prata 818:952\$140, os valores no Rio muda muito por causa das minas de ouro mineiras, de tal forma que em moedas de ouro foram 612:644\$640 e em prata 255:694\$940.

³⁴	Prata	Ouro
Salvador	1.200.000	25.000
Rio de Janeiro	400.000	150.000

Deve ser ressaltado que esses números apresentados são arredondados para melhor facilitar a conversão. Um fato que deve ser tornado público são as moedas, que a depender de sua casa de cunhagem ostentava em seu reverso a letra inicial de sua capitania, deixando assim uma marca territorial, além de marcar a moeda provincial que só poderia ter sua circulação na américa.

5.1 Cunhos das Casas da Moeda³⁵:

Moeda da Bahia (1695):



As figuras acima expostas representam o anverso e o reverso da moeda de prata no valor 20 réis, cunhada na casa de fundição da Bahia. Em seu anverso o escudo sob coroa larga e legenda PETRVS. II D. G. P. REX. Já no seu reverso, esfera armilar sobre cruz de Cristo e quatro florões.

Moeda do Rio de Janeiro (1699):

³⁴GALANTE, Luís Augusto Vicente. Uma história da circulação monetária no Brasil do século XVII. 2009. P.178

³⁵ Catálogo das Moedas Brasileiras. Disponível em:<<http://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/series.asp>> Acessado em:24.nov.2020



Moeda possui anverso de escudo das armas portuguesas sob coroa. A esquerda valor e a direita três florões, ao redor a inscrição PETRVS II D. G. PORTV G. REX. E em seu reverso a inscrição ET BRASILLIAE DOMINVS e a era ao redor da Cruz de Cristo.

Moeda de Pernambuco (1700):



A moeda aqui representada não difere muito da anterior, em seu anverso apresenta as mesmas características em seu anverso, mudando apenas no reverso, ganhando a letra monetária, que correspondia a origem da peça.

Moeda do Rio de Janeiro (1702):



O anverso aqui se mantém o mesmo, as alterações podem ser constadas no reverso, que recebe a inscrição IN HOC SIGNO VINCES e era ao redor da Cruz de Cristo com o surgimento da letra monetária R.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação foi um certame dificultoso, muito pelo fato de unir áreas que são teoricamente distintas a numismática e a história, por ocupar posições distintas na sociedade. A numismática com todo seu aparato de colecionismo, moedas, medalhões, e suas especificidades, a preocupação na cunhagem das moedas, os significados que as legendas podem expressar para o meio circulante, e é justamente nessa perspectiva que me propus a uma reflexão e uma historicização, já que *a história é a o estudo do homem no tempo*³⁶ porque não, estudar o dinheiro, no mais singular sentido da palavra, a moeda, a matéria prima basicamente do comercio?. O tutu, a bufunfa, o conto, grana, “poiva”, esses são alguns dos sinônimos que encontramos na sociedade para o dinheiro. Assim para explanar sobre ele tive que recorrer a numismática, o texto está recheado de citações, e autores como Alain Jean Costilhes, um associado da Sociedade Numismática Brasileira, que publica pela editora Brasileira, o livro “O que é numismática” em 1985, com a intenção de tornar mais evidente essa área.

Tendo em vista que este trabalho é voltado para uma graduação em História, não poderia faltar autores do meio. Pude beber das diversas fontes históricas e de contextualização, onde encontrei sustentação para tornar a moeda uma evidencia na história, atribuindo um papel ativo, na sociedade. Desse modo contei com Stuart Schwartz, enriquecendo a historiográfica do Nordeste açucareiro no Brasil colonial, além de Lilian Schwarcz e Heloisa Starling para discutir o Brasil de forma mais abrangente. Era de vital importância uma visão conjunta entre ciência política e economia, que foi personificada na obra História da riqueza no Brasil (2017) de Jorge Caldeira. É notório que essa obra se ateve em estudar uma fração do período colonial brasileiro, entre os séculos XVI e XVII, de toda uma história que cerca as moedas, e seus sistemas e séculos depois as cédulas o que dá precedente para uma gama de ricos debates.

³⁶ BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.55.

7 REFERÊNCIAS

ANGELINI, Cláudio Marcos. **Os Holandeses no Brasil e as obsidionais**. São Paulo: texto publicado na página da Revista Acervus Cultura e Arte – Belo Horizonte, MG.

Banco Central do Brasil. **Dinheiro no Brasil** / Banco Central do Brasil. – 2. ed. – Brasília: BCB, 2004. 36 p.: il.

CALDEIRA, Jorge. **História da riqueza no Brasil: Cinco séculos de pessoas, costumes e governos**. Sextante, 2017.

Coimbra, Álvaro. (1959). **Noções de Numismática Brasileira (I)**. Revista de História. 18. 201. 10.11606/issn.2316-9141.rh.1959.107278.

Coimbra, Álvaro. (2015). **Noções de Numismática Brasileira (II)**. Revista de História. 18. 445. 10.11606/issn.2316-9141.rh.1959.107505.

FERGUSON, Niall. **A ascensão do dinheiro**. Editora Planeta do Brasil, 2017.

GALANTE, Luís Augusto Vicente. **Uma história da circulação monetária no Brasil do século XVII**. 2009. 344 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

MOEDAS DO BRASIL. MOEDAS do BRASIL. 2011-2020. Catálogo das Moedas Brasileiras. Disponível em:<<http://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/series.asp>> Acesso em: 24.11.2020.

NERDOLOGIA. **História das Moedas do Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3PKiaQJdzm>>. Acessado em: 20.11.2020.

SCHWARTZ, Stuart. O Nordeste açucareiro no Brasil colonial. In: FRANGOSO, João Ribeiro & GOUVÊA, Fátima. **O Brasil Colonial**. Vol. 02. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, pp. 337-378.

STARLING, Heloisa; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Primeiro veio o nome, depois uma terra chamada Brasil. In:_____. (org.). **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das, 2015.

VAINFAS, Ronaldo. Tempos dos flamengos: a experiência colonial holandesa. In: Frangoso, João Ribeiro & GOUVÊA, Fátima. **O Brasil colonial**. Vol. 02. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 227- 260.